

**ESCOLA E GOSTO PELA LEITURA:  
O QUE DIZEM AS NARRATIVAS  
DE FUTUROS MEDIADORES DA LEITURA**

*Adalgisa Félix dos Santos* (UNIGRANRIO)

[gisa.studioe@gmail.com](mailto:gisa.studioe@gmail.com)

*Solimar Patriota Silva* (UNIGRANRIO)

[spssolimar@hotmail.com](mailto:spssolimar@hotmail.com)

### **1. Introdução**

Segundo Ferreira & Dias (2002, p. 2) a escola enfrenta diversos desafios, entre os quais se encontra o ensino da leitura, o que é preocupante, pois é a leitura que se configura como a maior fonte de recebimento de informações nos dias atuais. E, embora Martins (2006) afirme que aprendemos a ler apesar da escola, essa mesma autora também nos lembra que muitos alunos têm o primeiro contato com os livros justamente no espaço escolar. Daí ser relevante investigar qual a percepção dos próprios alunos acerca da influência da escola no desenvolvimento de seu interesse pela leitura. Neste artigo, analisamos as narrativas de futuros mediadores da leitura acerca de como a escola desempenhou seu papel de mediadora da leitura em suas próprias vidas.

Primeiro, apresentamos concepções de leitura, discutindo por que, afinal de contas, ler é tão importante. Em seguida, explicitamos as concepções acerca de mediador e medição da leitura, sobre as quais nos fundamentamos e esboçamos brevemente como a escola tem sido concebida em seus múltiplos papéis ao longo do tempo desde sua criação, tal qual a concebemos atualmente. Por fim, analisamos os dados à luz da perspectiva interpretativista, abordando os dados qualitativamente, embora alguns dados quantitativos sejam apresentados para ilustrar o percentual de alunos que responderam se a influência que a escola exerceu sobre sua formação leitora foi fraca, mediana ou total.

### **2. Acerca da leitura e sua importância**

Embora seja necessário decodificarmos os signos linguísticos para conseguirmos ler, devemos ter claro o fato de que decodificação e leitura são coisas diferentes. A leitura vai muito além do simples fato de encontrar o sentido literal de palavras dentro de um texto. Cada palavra é dota-

da de significados que devem ser entendidos por aqueles que estão decodificando para que estes possam ser realmente classificados como leitores e não meros decifradores. Ler é um processo no qual o leitor participa ativamente, buscando e atribuindo sentido ao que foi escrito por outra pessoa. Martins (2007) afirma que não lemos apenas o código escrito, podemos também ler o mundo que nos cerca.

Concordamos com Gonçalves e Peres (2006) quando dizem que não devemos enfatizar um caráter salvacionista da leitura, afinal, a alcuinha de única salvadora do ser humano não é cabível. Mas vale lembrar que Paulo Freire (1989) aponta numa direção em que a leitura, embora não seja a salvadora tem o papel de se enriquecer quem lê, considerando-se que nos permite expandir nosso conhecimento de mundo. Quando lemos e buscamos o entendimento de inferências ou respostas para questionamentos muito além da vida cotidiana, acabamos por nos tornar sujeitos críticos. Sendo a capacidade de questionar uma característica positiva do ser humano em sociedade, nos tornamos capazes de exigir direitos e exercer deveres com maior consciência. É essencial ter a capacidade de formar opiniões sobre os mais diversos assuntos e ter condições de nos expressar com a precisão que gostaríamos através de um vocabulário vasto que a leitura ajuda a formar.

Bragato (2005) afirma que a leitura torna possível que o leitor reveja seus conceitos e se liberte de preconceitos à medida que adentra mundos desconhecidos e se vê frente a situações que de outra forma talvez não acontecesse. A autora também afirma que a leitura é um processo histórico através do qual as pessoas, principalmente as de classes populares, podem ter conhecimento dos bens culturais, políticos e econômicos da sociedade da qual fazem parte.

Podemos considerar como outro aspecto importante da leitura no âmbito das classes sociais quando pensamos o ato de ler como um encurtador de abismo social, visto que possibilita pessoas de classes diferentes tomarem posse de conhecimento sobre determinado assunto, dependendo apenas do acesso ao mesmo texto escrito. Segundo Focaumbert (*apud* FERREIRA & DIAS, 2002, p. 2) a leitura é o único meio de alcançar a democracia e o poder individual, à medida que nos possibilita entender os “porquês” da vida.

Em síntese, acreditamos que o ato de ler nos possibilita o existir plenamente, como sujeito, cidadão, como ser em constante desenvolvimento. É a leitura de repertórios variados que vai, inclusive, formar me-

diadores da leitura em diversos espaços para além do espaço escolar. A leitura deveria impregnar todas as nossas atividades cotidianas.

### 3. *Mediação e mediador de leitura*

De uma forma geral, poderíamos dizer que o mediador da leitura é um iniciador aos livros, seja ele profissional ou voluntário. Segundo Petit (2008, p. 175) todo aquele que legitima o desejo de ler de quem ainda não possui a iniciativa de buscar os livros ou estimula o contato com os textos pode ser entendido como exercendo a mediação de leitura. Embora não seja o único, o professor pode ser considerado o principal responsável por esse processo, que tem por finalidade ajudar o aluno a descobrir a leitura de forma que não o faça apenas como obrigação, mas que passe a realmente se interessar e a compreender que a leitura é um ato essencial para seu crescimento pessoal e intelectual. Assim, o objetivo principal do professor seria o de tornar seu aluno independente para realizar suas mais variadas leituras – sozinho, sem mais precisar da mediação.

O ato da mediação também pode ser classificado, como relata Pino (*apud* NASCIMENTO, 2007) como uma construção na qual o indivíduo mediador exercerá o papel de facilitador ao propiciar a conclusão de um processo no qual o aprendizado é produzido numa interação.

Visto que Paulo Freire (1989) afirma que o conhecimento do mundo precede a leitura da palavra, analogamente podemos dizer que o mediador leva a este leitor iniciante seu conhecimento de mundo adquirido em suas próprias experiências de vida, assim como em suas leituras para que o contato com o texto seja profundo e seu conteúdo possa ser de fato absorvido. Esta ajuda pode ser com o esclarecimento de vocabulário, fatos históricos, figuras de linguagem e a intertextualidade. O aluno deve perceber que um texto possui diversas facetas, não apenas o que está explícito, mas inferências e recursos linguísticos que são essenciais à compreensão plena do texto.

Quanto aos tipos de mediação, Pino (2000) aponta a existência de uma mediação pedagógica e uma mediação social. A primeira é realizada majoritariamente no espaço escolar. Ela tem o objetivo de causar uma mudança na forma de pensar e agir do aluno, o qual, através da aquisição do pensamento crítico e dos questionamentos, se tornará mais consciente de seu papel como cidadão. Isto ocorre de forma direcionada pelo mediador, com uma metodologia. Já a segunda, a mediação social, é feita prin-

cialmente pelos familiares e amigos. Quem mostra um livro ou conta as histórias que leu, pode exercer influência no outro ao instigar sua curiosidade para a leitura daquela obra. Desta mediação não intencional pode vir a surgir um novo leitor. Nascimento (2007) relata pesquisas de Stange (1998) e Araújo (2007) que apontam instituições religiosas como fortes mediadoras. Nesses grupos, a base doutrinária se encontra em textos impressos, tornando essencial que o membro passe a ler a fim de se tornar um integrante participativo. Também conta muito o desempenho da leitura em voz alta e do entendimento da mensagem frente aos outros do grupo. A entonação se torna parte fundamental do exercício da leitura, assim como o significado das palavras, visto que isto pode ser considerado um meio de interação social. Embora este tipo de mediação não ocorra de forma pré-estabelecida ou metodológica, é uma forma importante, pois o aluno não deveria depender apenas da mediação feita da escola.

Ressalte-se que o professor não deve ser o único responsável por mediar a leitura, principalmente porque acreditamos que a responsabilidade pela formação de leitores é de toda a sociedade.

#### 4. O papel da escola

Segundo Focaumbert (*apud* FERREIRA & DIAS, 2002), a escola foi criada no século XIX, durante o período de industrialização e com o intuito de facilitar o acesso dos trabalhadores às técnicas e procedimentos de operação de máquinas. Para esta tarefa era suficiente ensinar apenas o necessário para que o aluno exercesse tarefas repetitivas, sem a menor necessidade de reflexão, o que não é mais o caso nos dias em que vivemos, quando a maior parte das informações que chega até nós é por via do código escrito. Rocco (*online*) chama a atenção para o fato de atualmente sermos muito mais expostos à leitura de outros textos que de livros. Lemos jornais, letrados, todo tipo de coisas. E, considerando o advento da *internet* e tantos outros meios de comunicação, temos uma explosão de novos gêneros textuais.

Entretanto, Ferreira e Dias (2002) afirmam que o espaço escolar continua apenas ensinando leitura ou escrita no sentido de alfabetizar, isto é, ensinando o aluno a decodificar. Acreditamos que o conhecimento dos signos linguísticos e o domínio da decodificação são essenciais para que a leitura aconteça, mas que é necessário fazer o aluno problematizar o próprio código e seu significado e que entenda as várias possibilidades da língua dentro de um texto e de seus múltiplos contextos.

Além do professor que, diga-se de passagem, não é apenas o de língua portuguesa responsável pela formação leitora dos alunos, é necessário que as escolas possam contar com a presença de bibliotecários ou dinamizadores da leitura, os quais podem desenvolver trabalhos com maior autonomia, a fim de promover os livros e a leitura na escola. Villardi (1999) afirma que a organização das bibliotecas é uma forma de mediação. O bibliotecário que decora seu espaço de trabalho com motivos relacionados a histórias e personagens, que promove o livro do mês, faz contação de história, por exemplo, é um mediador. Ele estimula o livro como uma forma divertida de passar o tempo e pode acabar mostrando ao aluno que esta é, também, uma forma agradável de buscar informações.

Convém lembrar que a escola precisa se atualizar com as mudanças que estão ocorrendo fora dela. Rocco (*online*) afirma que a escola é anacrônica à medida que não percebe os diferentes tipos de leitores que foram surgindo ao longo das décadas. Blanco (2005) diz que os modelos ideais de leitura devem ser questionados. O leitor está melhor inserido no mundo a sua volta do que estavam a alguns anos. É preciso lidar com o leitor não de forma autoritária, obrigando-o a aceitar modelos de certo e errado para a leitura. Ele deve ser livre para escolher o que lê e como lê. Acreditamos que essa liberdade deve ser cultivada na escola em todas as suas ações.

##### **5. *A pesquisa: resultados e discussão***

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter interpretativista, na qual 65 alunos ingressantes do curso de Pedagogia de uma instituição particular de ensino responderam voluntariamente, em 2010, a um questionário contendo dez questões, tanto abertas como fechadas, no intuito de investigar sua percepção acerca de sua própria formação como leitores. Neste artigo, trazemos como recorte a análise de uma dessas perguntas, na qual os participantes responderam qual foi o papel da escola em seu interesse pela leitura. Na primeira parte da pergunta, os participantes marcavam uma das quatro opções disponíveis: a) me fez não gostar de ler; b) nenhum; c) fraco; d) mediado e, finalmente, e) total. Em seguida, os alunos respondentes eram solicitados a justificar com breves comentários o porquê de sua escolha.

Após analisar quantitativamente as escolhas apontadas nas respostas dos alunos, passamos a mostrar a recorrência das respostas contidas nas narrativas dos participantes.

Dos 65 alunos respondentes analisados neste trabalho, 38,5% responderam que a escola teve total importância no aumento de seu interesse como leitor, 43% apontaram o papel da escola como mediano, 10,9% afirmou ter sido fraca a importância do espaço escolar. Ainda, 4,6 % afirmaram que a escola os fez não gostar de ler e 3% afirmaram que a escola não teve participação alguma no desenvolvimento de seu interesse pela leitura.

A tabela 1, abaixo, ilustra melhor esses dados:

**Tabela 1: Percepção dos futuros mediadores da leitura acerca do papel da escola em seu interesse pela leitura**

<b>Categoria</b>	<b>Respostas</b>	<b>%</b>
TOTAL	25 ALUNOS	38,5
MEDIANO	28 ALUNOS	43,0
FRACO	7 ALUNOS	10,9
NENHUM	2 ALUNOS	3,0
ME FEZ NÃO GOSTAR DE LER	3 ALUNOS	4,6

Analisando a tabela 1, acima, percebemos que, embora com um percentual menor que 5%, ainda é alarmante o número de alunos que afirmam que a escola, ao invés de auxiliar como mediadora da leitura, fez com que eles não gostassem de ler. Ainda, há alunos que, apesar de passarem onze anos na Educação Básica afirmam que a influência da escola para o aumento do interesse pela leitura foi simplesmente nulo, como apontaram dois dos alunos participantes.

Desses 3% que responderam que a escola não teve participação em sua formação leitora, metade destaca que a escola apenas completou seu interesse pela leitura, deixando bastante clara a influência de família e amigos em sua formação leitora ao relatarem suas experiências principalmente relacionadas na fase de aquisição da leitura. Se por um lado isso indica positivamente a participação ativa dos familiares na formação leitora, por outro, aponta uma fragilidade da escola de contribuir efetivamente para o desenvolvimento do gosto ou hábito de ler. Afinal, nem todas as crianças e adolescentes são criados em ambientes leitores e, desta forma, acabam dependendo quase que exclusivamente da escola para se tornarem leitores (CECCANTINI, 2009).

Interessante perceber que, ao justificar o porquê de o papel exercido pela escola ter sido *fraco*, *mediano* ou *total*, três temas são recorrentes: incentivo (ou falta dele), obrigação e acesso.

Os alunos que consideram o desempenho da escola como fraco apontam a falta de incentivo à leitura da própria escola; a obrigação da leitura, principalmente para se fazer provas e, em muitos casos, a falta de livre acesso ao livro – seja por falta de acervo variado da biblioteca ou, ainda pior, a falta de uma em suas escolas.

Em contrapartida, os alunos que responderam que o papel da escola foi mediano, ora citam a obrigação da leitura como fator positivo, ora como negativo. O mesmo acontece em relação ao incentivo. Há alunos que dizem que foi mediano o envolvimento da escola, pois incentivou, porém não tanto a ponto de desenvolver nele maior interesse pela leitura. Outros disseram que o incentivo foi falho, quase nulo. Daí atribuírem essa classificação às escolas.

Por fim, cabe destacar que receberam a avaliação positiva dos alunos as escolas em que o acesso à biblioteca era permitido – seja devido a horários de atendimento e acervo variados, seja pelas atividades de leitura promovidas dentro do espaço escolar. Esses alunos também apontaram que a obrigação de ler foi um aspecto positivo em sua formação. Aqui, eles destacam essa obrigação referindo-se a atividades da escola que exigiam o domínio da leitura e não apenas devido a alguma prova ao final do livro.

Além disso, esses alunos disseram que havia incentivo à leitura, traduzido por ações e atividades promovidas pelos professores, principalmente. A questão do incentivo é tão importante que essa foi a escolha de 33,8% dos participantes ao dizerem porque a escolha exerceu total influência em seu desenvolvimento como leitor.

## **6. Considerações finais**

Neste artigo, objetivamos apresentar um recorte de uma pesquisa em andamento, acerca das percepções de futuros mediadores da leitura acerca de sua própria formação leitora. Analisamos interpretativamente os dados de sessenta e cinco questionários respondidos voluntariamente por ingressantes do curso de Pedagogia de uma instituição particular de ensino. Os participantes responderam qual foi o papel que a escola exerceu no aumento de seu interesse pela leitura.

Aqueles alunos que atribuíram à escola uma forte influência em sua formação leitora citaram principalmente o incentivo constante pela leitura, através da presença do livro em atividades variadas da escola, em sala de aula ou de leitura, com acesso a livros variados e uma biblioteca cujo funcionamento permitia que os alunos manuseassem e escolhessem os livros com facilidade.

Algumas respostas dadas, porém, ainda mostram que a escola precisa estar atenta para o cumprimento de seu papel primordial de formar leitores competentes, pois alguns alunos apontaram que ela não exerceu nenhuma influência em sua formação como leitores ou, ainda pior, contribuiu negativamente, fazendo com que os alunos passassem a não gostar de ler.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Elizeth da Costa; CAMARGO, Flávio Pereira. A prática social da leitura literária e a formação do sujeito leitor: desafios e perspectivas. UNIOESTE: *Travessias*, v. 2, nº 3, 2008.

BORTONI-RICARDO. S. M. Compreensão de leitura: da palavra ao texto. In: *Palavra: forma e sentido*. GUIMARÃES, E; MOLLICA, C. (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2007.

BLANCO, Marina Diniz. *As diversas facetas da prática de leitura em uma primeira série do Ensino Fundamental*. TCC. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

BRAGA, Regina Maria & SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. *Construindo o leitor competente*. 3. ed. São Paulo: Global, 2009.

BRAGATO, Solange. *A Leitura do texto literário e da imagem no livro didático do Ensino Fundamental*. Universidade Estadual de Maringá. Dissertação de mestrado, 2005.

FERNANDES, Sarah. Em cada 10 Em cada 10 universitários, dois têm dificuldade de leitura.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. *A escola e o ensino da leitura*. Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.



GONÇALVES, Renata Braz; PERES, Eliane Teresinha. *Práticas de incentivo à leitura nas escolas da rede pública municipal de educação: o caso de Pelotas/RS no final do século XX*. Rio Grande do Sul: Unirevista – Vol. 1. 2006.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

NASCIMENTO, Elaine Loyola do. *A mediação pedagógica nas práticas de leitura de alunos de séries finais do ensino fundamental*. Programa de Pós- Graduação em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Literatura e ensino: O papel do professor leitor na formação de leitores literários*. COLE, 2009.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto*.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O professor leitor. In: ROSING, Tânia; SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilhos. *Mediação de leitura: Discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009, p. 23-36.

SOUZA, Lígia Maria Silva; DUPAS, Maria Angélica. Ler é prazer: os projetos de incentivo à leitura da Biblioteca Comunitária da UFSCar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, 2000, Florianópolis. *Anais*. Disponível em: <<http://snbu.bus.br/snbu2000/docs/pt/doc/poster019.doc>>. Acesso em: jun. 2010.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.